



ANALICIA MOTA MACHADO MORAIS ¹
ASHILEY RODRIGUES SILVA ²
GISELE NERY DOS SANTOS SENA³
JOSEANE RODRIGUES OLIVEIRA ⁴
ROBERTA JORGE LUZ ⁵

Corpo e Movimento: a Dança como Expressão Artística em Espaços Públicos

Body and Movement: Dance as Artistic Expression in Public Spaces

ARTIGO 9

122-133

1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Dança da UNIASSELVI, analiciamo@outlook.com

2 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Dança da UNIASSELVI, ashileyrodriguessilva15@gmail.com

3 Professora de dança ministerial e instrutora de dança no Projeto Restaurar, acadêmica do curso de Licenciatura em Dança da UNIASSELVI, giselenery20@yahoo.com.br

4 Bacharel em Dança (UFRJ, 2011), acadêmica do curso de Licenciatura em Dança da UNIASSELVI, joseanerodrigues.2004@gmail.com

5 Licenciada em Educação Artística (CEUNSP, 2000) e acadêmica do curso de Licenciatura em Dança da UNIASSELVI, robertajluz@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho explora a dança como forma de expressão artística em espaços públicos, destacando o corpo e o movimento como instrumentos centrais na construção de significados sociais e culturais. A dança em ambientes urbanos transcende a performance, tornando-se um meio de interação com o espaço e o público e ressignificando o uso desses lugares. Com o objetivo de criar uma fotografia artística original em espaços públicos por meio da dança, o estudo utiliza a metodologia A/r/tográfica, que permite explorar o potencial formativo e investigativo das práticas artísticas, articulando o fazer, o pesquisar e o ensinar. Essa abordagem possibilitou a realização de experimentações performáticas em contextos urbanos, resultando em registros fotográficos que são em seguida analisados. A análise das imagens favoreceu reflexões sobre o corpo como linguagem visual e performativa na criação artística, evidenciando a potência do gesto, da postura e do movimento na construção de narrativas visuais. Investiga-se, assim, como diferentes práticas estéticas podem ser exploradas em contextos diversos, incluindo espaços públicos urbanos, examinando a relação do corpo com a arquitetura, o fluxo de pessoas e as dinâmicas cotidianas, além de questionar os limites entre arte e vida. A presença do corpo dançante em ambientes urbanos promove um diálogo com o espaço, o público e os elementos do cotidiano, desafiando percepções tradicionais sobre a função desses locais. O estudo aponta que a dança em espaços públicos promove visibilidade artística e cria uma experiência sensorial coletiva, potencializando a interação entre artistas e espectadores, desafiando convenções sobre o uso dos espaços urbanos e democratizando o acesso à arte. Assim, o trabalho incrementa a reflexão sobre o papel da arte na ocupação e ressignificação dos espaços públicos, ampliando possibilidades de criação e fruição estética.

Palavras-chave: Corpo. Movimento. Dança. Fotografia em espaço urbano. Expressão artística.

Abstract: This study explores dance as a form of artistic expression in public spaces, highlighting the body and movement as central instruments in the construction of social and cultural meanings. Dance in urban environments transcends formal performance, becoming a means of interaction with space and the public, re-signifying the use of these places. With the aiming of creating an original artistic photograph in public spaces through dance, the study employs the A/r/tographic methodology, which allows the formative and investigative potential of artistic practices to be explored, linking making, research, and teaching. This approach made it possible to carry out performative experiments in urban contexts, resulting in photographic records that are then analyzed by the authors. The analysis of these images fostered reflections on the body as a visual and performative language in artistic creation, highlighting the power of gesture, posture, and movement in the construction of visual narratives. The article investigates how different aesthetic practices can be explored in diverse contexts, including urban public spaces, examining the relationship of the body with architecture, the flow of people, and everyday dynamics, while questioning the boundaries between art and life. The presence of the dancing body in urban environments promotes a dialogue with the space, the public, and everyday elements, challenging perceptions of the function of these places. The study points out that dance in public spaces not only promotes artistic visibility but also creates a collective sensory experience, enhancing the interaction between artists and spectators, challenging conventions about the use of urban spaces, and democratizing access to art. In this way, the work contributes to the reflections on the role of art in the occupation and re-signification of public spaces, expanding the possibilities for artistic creation and aesthetic fruition.

Keywords: Body. Movement. Dance. Photography in urban space. Artistic expression.

INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado do trabalho de pesquisa realizado por estudantes do curso de graduação em dança do Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI, como requisito para a conclusão da disciplina “Prática Interdisciplinar: processos de criação estética em espaços formais e não formais de ensino”.

O tema gerador é “Corpo e Estética” e, a partir dele, buscamos primeiramente aprofundar os conhecimentos construídos na disciplina “Estética e Arte” cursada durante o ano letivo de 2024. Neste contexto, a experiência relatada tem como objetivo criar uma fotografia artística original em espaço público em meio urbano e, por meio desta produção, agregar conhecimentos e reflexões sobre dança, fotografia e espaço público como espaço cênico.

As autoras, além de serem estudantes do curso de graduação em dança, acumulam experiência pessoal e profissional com essa linguagem artística, principalmente nas áreas de dança e de arte-educação. É nessa perspectiva que este trabalho surge. Assim, a partir da vivência de cada integrante do grupo, este trabalho busca tecer reflexões e construir saberes sobre a dança como forma de expressão artística em espaços públicos, fomentando com isso, outros processos de criação.

METODOLOGIA

Historicamente, o corpo tem sido um tema central na arte, servindo como veículo de expressão, como símbolo e como objeto de estudo estético. A estética como campo filosófico lida com a percepção sensível, o belo e a experiência artística, permitindo que o corpo seja explorado em múltiplas dimensões: física, cultural, social e simbólica. Na contemporaneidade, a estética do corpo se diversifica, ao envolver questões de identidade, gênero,

política e normas sociais, o que oferece um terreno fértil para práticas artísticas experimentais que desafiam as convenções e questionam as noções tradicionais de beleza e representação.

Nessa perspectiva, o componente curricular “Estética e Arte” fornece uma base teórica importante, ao examinar como o corpo é representado, transformado e compreendido na história da arte e na teoria estética. Daí é possível refletir sobre o corpo como linguagem visual e performativa na criação artística, o que levou as autoras a investigarem a maneira como diferentes práticas estéticas podem ser exploradas em contextos diversos, incluindo espaços públicos urbanos.

Este trabalho apoia-se na metodologia A/r/tográfica, a qual permite explorar o potencial formativo e investigativo das práticas artísticas. A escolha da a/r/tografia, desenvolvida por Rita Irwin e outros pesquisadores, reflete o objetivo de transcender as limitações entre teoria e prática, criando uma abordagem que integra arte, ensino e pesquisa em um processo híbrido e dinâmico. Por conseguinte, a criação artística não é apenas uma forma de expressão estética, mas também um meio de gerar conhecimento e de refletir criticamente sobre questões educativas.

Conforme Hernández, a pesquisa baseada em Arte:

Não persegue a certeza, mas a ampliação das perspectivas, a sinalização de matrizes e lugares não explorados. Por esse motivo, não busca oferecer explicações sólidas nem realizar predições “confiáveis”, mas espera outras maneiras de ver os fenômenos aos quais se dirige o interesse do estudo (Hernandez, 2023, p. 48).

Nesse contexto, o fazer artístico e a reflexão teórica se entrelaçam, possibilitando a construção

de saberes através do próprio processo de criação. Outro aspecto pertinente no conceito de “a/r/tografia” refere-se ao papel bem definido das profissões que se encontram tanto interligadas como diferenciadas e potencializadas em suas especificidades: “A” (artista/artist), “R” (pesquisador/researcher, ou investigador) e “T” (professor/teacher). A respeito disso, Rita Irwin relata que houve um período no seu grupo de pesquisas acadêmicas no qual:

[...] essas identidades eram de extrema importância e não queríamos apenas integrar todas as identidades em uma só. Percebemos que havia espaço para o artista, para o pesquisador e para o professor, e por isso colocamos essa divisão para enfatizar os espaços entre essas identidades. Portanto, é uma forma artística de pensar a palavra ART com base na prática do artista, do pesquisador e do professor (Irwin, 2016, p. 4).

Esta tríade nos permite refletir sobre nossas próprias práticas e investigações artísticas, e as possíveis conexões com questões centrais da área da Educação presentes no curso de Licenciatura em Dança da UNIASSELVI. Citem-se, por exemplo, o ensino-aprendizagem em dança e o processo artístico-pedagógico, dentre outros.

Nesse sentido, também converge a visão de Richard Sennett (2008), que pesquisa a relação entre corpo e cidade na arquitetura e o urbanismo ocidental. Em seu livro “Carne e Pedra”, o autor salienta que “[...] a civilização ocidental não tem respeitado a dignidade dos corpos humanos e sua diversidade [...]” (Sennett, 2008, p. 13), sendo importante analisar como essa problemática pode ter relação com as construções urbanas. Segundo Sennett, “as relações entre os corpos humanos no espaço é que determinam suas reações mútuas, como se veem e se ouvem, como se tocam ou se

distanciam [...]” (Sennett, 2008, p. 15). Nesse viés, o autor analisa o modo como as cidades podem afetar os indivíduos, contribuindo tanto para anestesiar os sentidos e nos deixar menos conscientes uns dos outros, como, ao contrário, intensificá-los.

A FOTOGRAFIA ARTÍSTICA E O ESPAÇO PÚBLICO

O surgimento da fotografia por volta de 1840/1860, modificou a relação que possuímos com a imagem e com o corpo; com o seu aperfeiçoamento, a fotografia transforma a pose, inicialmente necessária, em registros mais naturais ou mais detalhados da realidade (Michaud, 2011). A adoção da fotografia artística como meio de expressão, acaba adotando os espaços públicos como cenários para explorar temas relacionados ao corpo e à estética. Esses espaços incluem locais urbanos, naturais ou qualquer ambiente situado fora dos contextos tradicionais de ensino, permitindo que os participantes se envolvam com o meio de maneira sensível e crítica.

A teoria da expressão, proposta por Robin George Collingwood (1943 apud Cairus, 2018), defende que a verdadeira arte vai além do entretenimento, buscando expressar emoções autênticas e profundas. Para o autor, a arte revela sentimentos internos tanto do artista quanto do público, e funciona como um meio de autoconhecimento e reflexão sobre a experiência humana. O processo criativo, nesse sentido, transforma emoções vagas em expressões claras e significativas, oferecendo múltiplas camadas de interpretação (Cairus, 2018).

A escolha do espaço público reflete uma intenção consciente de romper com as estruturas estabelecidas para a produção artística convencional, que muitas vezes se restringem a ambientes controlados, como teatros e galerias, onde o público

assume um papel passivo e previsível. Ao levar a arte para o espaço urbano, cria-se a possibilidade de subverter essas lógicas tradicionais, abrindo caminho para uma interação mais direta, espontânea e democrática entre artistas, público e ambiente. Essa decisão amplia as fronteiras da criação artística, possibilitando a construção de novas formas de aprendizagem e expressão que valorizam não apenas a técnica ou a estética formal, mas, sobretudo, a experiência sensorial, emocional e física do corpo em sua totalidade.

A improvisação e a interação espontânea com o ambiente urbano e as pessoas presentes reforçam a ideia de Collingwood (1943 apud Cairus, 2018) que a arte é um processo de comunicação autêntica, pela qual o movimento do corpo revela emoções e cria significados compartilhados. Assim, a experiência da dança torna-se uma forma de investigação sensível sobre o ser humano e sua relação com o espaço, reafirmando o potencial da arte como linguagem visual e performativa.

Nesse contexto, o ambiente deixa de ser um mero pano de fundo para se tornar um elemento ativo da performance, influenciando a presença dos corpos em movimento e sendo influenciado por ela. Jacques (2024) nos alerta para a necessidade de se pensar o urbanismo e o corpo, para se buscar alternativas para os processos de gentrificação que ocorrem nas cidades e como uma maneira de reapropriação dos espaços urbanos.

Os novos espaços públicos contemporâneos, cada vez mais privatizados ou não apropriados pelos habitantes locais nos levam a repensar as relações entre urbanismo e corpo, entre corpo urbano e o corpo do cidadão. A cidade não só deixa de ser cenário mas, mais do que isso, ela ganha corpo a partir do momento em que ela é praticada. Se torna “outro” corpo. Dessa relação entre o corpo do cidadão e esse “outro corpo urbano”

pode surgir uma nova forma de apreensão urbana e, conseqüentemente, de reflexão e de intervenção na cidade contemporânea. A experiência urbana corporal também poderia ser estimulada por uma prática de errâncias pela cidade que, por sua vez, resultaria em *corpografias* urbanas (Jacques, 2024, p. 94-95, grifo nosso)..

A cidade, com suas texturas, sons, fluxos e imprevistos, oferece desafios e estímulos que enriquecem o processo criativo, convidando os artistas a se adaptarem e responderem ao entorno de forma orgânica. A partir do diálogo constante entre corpo e ambiente, surge uma experiência artística singular, marcada pela imprevisibilidade e pela multiplicidade de significados.

A cidade é lida pelo corpo como conjunto de condições interativas e o corpo expressa a síntese dessa interação descrevendo em sua corporalidade, o que passamos a chamar de corpografia urbana. [...] A corpografia é uma cartografia corporal (ou corpo-cartografia, daí corpografia), ou seja, parte da hipótese de que a experiência urbana fica inscrita, em diversas escalas de temporalidade, no próprio corpo daquele que a experimenta, e dessa forma também o define, mesmo que involuntariamente (Jacques, 2024, p. 95-96).

Essa abordagem promove uma reflexão crítica sobre o papel da arte na sociedade, questionando quem tem acesso a ela, onde ela pode acontecer e como pode ser vivenciada. A presença da arte em locais cotidianos, acessíveis a todos, contribui para a democratização da cultura, despertando no público um olhar atento e sensível sobre o espaço urbano e as possibilidades poéticas presentes no

cotidiano. Dessa forma, o ato de criação em espaços públicos não se limita à performance em si, mas se desdobra em múltiplas camadas de interpretação, ressignificando tanto o espaço quanto a própria experiência artística.

O termo experiência tem, no presente contexto, dois sentidos interdependentes: Está ligado à experiência vivida - momento perceptivo e singular de cada sujeito - e refere-se à experimentação, à Liberdade de criação e exposição do processo de trabalho. Para Walter Benjamin a narrativa - uma das formas de compartilhar a experiência entrou em crise assim como a experiência vivida na época da guerra. A experiência à qual se refere Benjamin está ligada a situações culturais de vida coletiva onde alguém conta uma história ou acontecimento para um grupo a partir de um ponto de vista que é simultaneamente coletivo e particular imprimindo à narrativa dados ou elementos de sua própria vivência, existindo assim nessas situações um tempo compartilhado (Tedesco, 2009, p. 87).

Para vivenciar e analisar as dinâmicas sociais e artísticas que envolvem a dança em espaços públicos, a bailarina e estudante de dança, Gisele Nery, escolheu a Praça Mauá como local de prática. O objetivo era observar e participar ativamente de interações que ocorrem em um espaço aberto, onde a dança serve como um meio de expressão pessoal e de conexão com o público (Figura 1).

A metodologia envolveu uma abordagem prática-experimental, na qual a estudante estava inserida no espaço como dançarina, assumindo uma postura de pesquisadora do próprio movimento e da relação entre o corpo e o ambiente. O objetivo não era apenas executar uma coreografia previa-

mente estruturada, mas explorar o impacto da dança e de movimentos específicos naquele espaço público, considerando suas características físicas, sociais e culturais. A presença da dançarina no ambiente urbano provocou uma investigação sensível sobre como o corpo pode dialogar com diferentes texturas, superfícies, sons e fluxos de pessoas, permitindo que a dança emergisse de forma orgânica, em resposta às condições oferecidas pelo espaço.

A vivência não se limitou à execução de sequências coreográficas predefinidas, mas incluiu momentos significativos de improvisação, nos quais a dançarina se deixou guiar pelas sensações do momento, pelo ritmo do entorno e pelas interações espontâneas com o público. O aspecto da improvisação foi fundamental para a pesquisa, pois criou um campo de experimentação aberto ao acaso e à imprevisibilidade, características inerentes aos espaços públicos. A liberdade de explorar diferentes qualidades de movimento, intensidades e dinâmicas corporais possibilitou uma conexão mais autêntica com o ambiente, e despertou a curiosidade e o interesse das pessoas que passavam pelo local.

Este público, composto por transeuntes com diferentes níveis de familiaridade com a linguagem da dança, reagiu de diversas maneiras: alguns observavam atentamente, intrigados pelo contraste entre a rotina urbana e a presença do corpo em movimento; outros registravam o momento por meio de fotos e vídeos, enquanto alguns se aproximavam, curiosos, para perguntar sobre a performance ou simplesmente compartilhar suas impressões. A partir dessas interações espontâneas, evidencia-se o potencial da dança para criar pontos de conexão e reflexão no cotidiano urbano, transformando o espaço público em um território de encontros estéticos e afetivos.

Figura 1. Intervenção na Praça Mauá



Fonte: as autoras ⁷.

Processo: a ideia principal não era apenas gravar um vídeo², mas sim levar a arte e uma mensagem em forma de expressão, publicamente. A escolha do local pretendia alcançar o maior número de pessoas possível, por isso foi definido que a movimentação corporal deveria ocorrer no centro da cidade (Rio de Janeiro), na Praça Mauá: um lugar com uma quantidade significativa de transeuntes.

Ao chegar ao local, observamos o ambiente e as pessoas ao redor para identificar o fluxo de movimento e os melhores pontos para dançar. Nesse percurso, foi determinado um lugar para realizar a performance de forma que não atrapalhasse o fluxo de passagem, mas que não perdesse o objetivo de alcançar o público. Nisso, com sua arquitetura aberta e movimentos constantes, a Praça Mauá, oferecia desafios e oportunidades únicas. A partir do espaço definido, foi feito um breve aquecimento e, em seguida, uma movimentação mais lenta e aberta à improvisação, a qual permitia que tanto os artistas envolvidos como o público se “acostumassem” com a presença da dança naquele contexto/ambiente.

⁷ Colagem de imagem da dançarina: Gisele Nery Praça Mauá, RJ, 2024.

⁸ O foco deste artigo está na dança e imagem/fotografia. Mas é possível assistir a filmagem via web, disponível em: <https://youtu.be/g24i3MhS458?si=w5H-mvZgRdgo6PsM>. Acesso em: 12 nov. 2024.

A apresentação aconteceu de forma gradual, alternando entre coreografias previamente ensaiadas e momentos abertos ao acaso e à improvisação. Essa combinação proporcionou uma dinâmica fluida, na qual a estrutura coreográfica serviu como base, mas sem limitar a espontaneidade dos movimentos. Essa abertura para o improviso possibilitou uma liberdade maior para interagir com as pessoas ao redor, permitindo que a performance se adaptasse organicamente ao ambiente e às reações do público. Durante a apresentação, foi perceptível o surgimento de olhares de curiosidade e sorrisos de aprovação, sinais de que o público estava observando e, além disso, se conectando emocionalmente com o que acontecia.

Algumas pessoas pararam seus trajetos apressados para assistir, criando pequenos agrupamentos que se formavam e se desfaziam de acordo com o fluxo da performance. Outras registraram o momento tirando fotos ou gravando vídeos, como forma de manter uma lembrança ou compartilhar a experiência em redes sociais, ampliando o alcance da intervenção artística para além do espaço físico da praça. Houve ainda aquelas que, movidas pela curiosidade ou pelo encantamento, se aproximaram para fazer perguntas sobre a dança, os artistas ou o propósito da apresentação, transformando o espaço cênico em um território de diálogo e trocas. Os comentários e questionamentos espontâneos enriqueceram a experiência, revelando diferentes percepções e interpretações da performance.

A interação direta entre artistas e público evidenciou o caráter vivo e pulsante da arte em espaços públicos, onde o imprevisível se torna parte integrante da criação. O espaço urbano, com sua diversidade de olhares e ritmos, foi não apenas o cenário, mas um coautor da obra, influenciando e sendo influenciado pelo corpo em movimento.

Figura 2. Intervenção Praça Mauá



Fonte: as autoras ⁹.

9 Colagem de imagens das dançarinas: Gisele Nery e Thainara, Praça Mauá, RJ, 2024.

Os momentos de troca foram um aspecto fundamental da experiência, revelando o potencial da arte para transformar dinâmicas cotidianas. A praça, sendo geralmente um espaço de passagem, caracterizado pelo fluxo constante de pessoas apressadas e distraídas, tornou-se temporariamente um espaço de convivência e interação artística. O ambiente, antes marcado pela rotina urbana, foi ressignificado como um lugar de pausa, contemplação e encontro. A performance gerou uma conexão inesperada com o público, que se sentiu à vontade para apreciar, questionar e, em muitos casos, interagir diretamente com os artistas. Essa interação não se limitou a uma simples observação passiva; houve trocas de olhares, gestos e até diálogos espontâneos, criando um espaço compartilhado de experiências estéticas e afetivas. O público, composto por transeuntes de diferentes idades e contextos, foi convidado, mesmo que de forma sutil, a refletir sobre sua própria relação com o espaço urbano e com o corpo em movimento.

Esse envolvimento direto evidenciou o caráter democrático da arte em espaços públicos, quebrando a barreira entre artista e espectador, e mostrando como a dança pode ser um catalisador para encontros significativos, capazes de provocar reflexões sobre o cotidiano e sobre a própria cidade. Dessa forma, a praça deixou de ser apenas um cenário para se tornar parte integrante da obra, cocriada na interação entre corpo, espaço e público.

Figura 3. Intervenção Praça Mauá



Fonte: as autoras ¹⁰.

¹⁰ Colagem de imagens das dançarinas: Gisele Nery e Thainara, Praça Mauá, RJ, 2024.

A prática em campo foi fundamental para compreender como a dança pode transformar um espaço comum em um espaço de expressão artística e conexão social, proporcionando uma nova perspectiva sobre o uso de ambientes urbanos. A experiência nos mostrou o poder da dança como ferramenta de integração social e seu papel na ressignificação dos espaços urbanos. Para além da técnica, essa prática foi uma oportunidade de nos reconectar com o propósito da dança enquanto linguagem universal e expressiva. E dentro do escopo acadêmico, de refletir sobre a dança como forma e ferramenta para a interação espontânea e direta no palco urbano, formando elos ou interseções entre as artes, os indivíduos, as práticas e os espaços desconexos que integram o fluxo das vivências no espaço urbano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de dançar na Praça Mauá permitiu uma compreensão mais profunda da dança como meio de interação e expressão em espaços públicos. Ao se expor de forma espontânea e sem barreiras, é possível vivenciar a dança de maneira livre e acessível e observar como ela ressignifica o espaço e atenua as diferenças entre performer e espectador. Desse exercício prático, reforça-se o papel e a importância da dança como linguagem universal, capaz de conectar pessoas de diferentes origens, e ampliar nossa visão sobre o potencial da arte para transformar o cotidiano. Esta prática nos ensina que a dança não precisa estar restrita aos palcos tradicionais, pois levá-la para as ruas democratiza o acesso e inspira novas formas de interação com o público.

Outro aspecto relevante é a instabilidade própria desses espaços urbanos, como uma chuva

inesperada, o vento forte, um morador de rua ou uma criança que se interpõe no espaço do artista, ou ainda um cachorro que late continuamente. Essas imprevisibilidades estimulam o artista a desenvolver um estado de alerta constante, desafiando-o a tomar decisões rápidas, talvez com mais intensidade do que em um teatro convencional. Essa dinâmica torna o processo artístico mais fluido, adaptável e, muitas vezes, mais autêntico.

Além disso, o ritmo acelerado e o anonimato característicos da vida nos grandes centros urbanos criam uma atmosfera de distanciamento entre as pessoas. Em contraposição, a dança em ambientes urbanos e públicos oferece uma oportunidade única de promover vínculos comunitários, provocando encontros e momentos de conexão entre indivíduos que, de outra forma, poderiam passar despercebidos. Essa experiência transformadora não apenas altera poeticamente o lugar, mas também gera novas imagens, sonoridades e relações entre corpo, indivíduos e o espaço, de forma artística.

Refletindo sobre o conceito de corpografia, podemos entender que a dança no espaço público é, antes de tudo, uma cartografia do corpo no espaço urbano. A corpografia revela como o corpo, ao interagir com o espaço e o ambiente ao seu redor, gera novas geometrias, linhas e trajetórias que vão além das convenções espaciais. Assim, a dança transforma o próprio ambiente, inscrevendo-se nas paisagens cotidianas de maneiras inovadoras. Essa vivência certamente enriquecerá nossas práticas futuras e fortalecerá nossas atuações como dançarinas e promotoras da arte urbana, ampliando nossa compreensão de como a arte pode interagir com o espaço público e transformar as relações sociais no contexto urbano. E dessas constatações, propor novas formas de abordar a arte e a dança em contextos acadêmicos, enriquecendo a pesquisa e transformando o conhecimento.

REFERÊNCIAS

CAIRUS, B. G. **Estética e arte**. Indaial: UNIASSELVI, 2018.

HERNÁNDEZ, F. A investigação baseada nas artes: propostas para repensar a pesquisa educativa. In: DIAS, B.; IRWIN, R. L. (org.). **Pesquisa educacional baseada em arte: A/r/tografia**. Santa Maria: UFSM, 2023. p. 41-70.

IRWIN, R. A/R/TOGRAFIA: Engajamento como filosofia de pesquisa e prática profissional. **Revista Científica FAP**, Curitiba, v. 14, n. 1, p. 1-18, jun. 2016. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/revis-tacientifica/article/view/1907/1188>. Acesso em: 21 nov. 2024.

JACQUES, P. B. Corpografias urbanas: o corpo enquanto resistência. **Cadernos PPG-AU/FAUFBA**, Salvador, v. 2, n. 1, 2004. DOI: 10.9771/cpggau.v2i1.60453. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/ppgau/article/view/60453>. Acesso em: 2 fev. 2025.

MICHAUD, Y. Visualizações: o corpo e as artes visuais. In: CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. (org.). **História do corpo: as mutações do olhar: o século XX**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. v. 3, p. 541-565.

SENNETT, R. **Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.

TEDESCO, E. A. A. **Um processo fotográfico em sobreposição no espaço urbano**. 2009. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/17034>. Acesso em: 2 fev. 2025.

